O VERBETE TRADUIRE NO DICTIONNAIRE DE L'ACADÉMIE FRANÇAISE: ENSAIO DIACRÔNICO SOBRE UMA PARÁFRASE EXPLANATÓRIA (1694-1878)

Cristian Cláudio Quinteiro Macedo

Submetido em 27 de maio de 2018.

Aceito para publicação em 03 de outubro de 2018.

Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 56, mês de novembro. p. 147-159

POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

- (a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Creative Commons Attribution License, permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.
 - (b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.
 - (c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.
 - (d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.
-

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/index>

Quinta-feira, 22 de novembro de 2018.

**O VERBETE *TRADUIRE* NO *DICTIONNAIRE DE L'ACADÉMIE FRANÇAISE*:
ENSAIO DIACRÔNICO SOBRE UMA PARÁFRASE
EXPLANATÓRIA (1694-1878)¹**

**THE ENTRY *TRADUIRE* IN THE *DICTIONNAIRE DE L'ACADÉMIE FRANÇAISE*:
DIACHRONIC ESSAY ON AN EXPLANATORY
PARAPHRASE (1694-1878)**

Cristian Cláudio Quinteiro Macedo²

RESUMO: O presente trabalho é um ensaio de caráter descritivo e não exaustivo de lexicografia diacrônica. Busca-se analisar a paráfrase explanatória do verbete *traduire*, na sua acepção relativa ao ofício do tradutor, nas primeiras sete edições do *Dictionnaire de l'Académie Française*. São realizadas aproximações contrastivas, visando cotejar o verbete *traduire* desta importante obra lexicográfica com o publicado em outros dicionários, ao longo de um recorte temporal de 185 anos. As mudanças e as permanências da paráfrase, bem como o papel do *Dictionnaire* na redação e na sua difusão entre as mais importantes obras lexicográficas da tradição francesa, foram contemplados no ensaio.

PALAVRAS –CHAVE: *Lexicografia diacrônica; Lexicografia francesa; Paráfrase*

ABSTRACT: The present paper is a descriptive and non-exhaustive essay of diachronic lexicography. The aim is to analyze the explanatory paraphrase of the entry *traduire*, in its relative meaning to the translator task, in the first seven editions of the *Dictionnaire de l'Académie Française*. Contrastive approximations are carried out, in order to compare the entry *traduire* of this important lexicographic work with those published in other dictionaries, over a 185-year time cut. The changes and the continuances of the paraphrase, as well as the *Dictionnaire* role in the writing and its diffusion amongst the most important lexicographical works in French tradition, were contemplated in the essay.

KEYWORDS: *Diachronic Lexicography; French Lexicography; Paraphrase*

1 Introdução

Conectado aos interesses da Metalexicografia, dos Estudos da Tradução e da História Intelectual, o presente ensaio visa, de forma singela, somar-se aos labores dessas áreas no estudo do léxico e de suas contribuições ao grande campo das humanidades. Além disso, traça um percurso panorâmico, pouco explorado na literatura científica brasileira, sobre a importante tradição lexicográfica francesa.

Nosso artigo apresenta uma análise inicial de caráter diacrônico da paráfrase explanatória do verbete *traduire*, na sua acepção relativa ao ofício do tradutor, nas

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Bacharel em História pela UFRGS e mestrando no Programa de Pós-Graduação em Letras da mesma universidade. Bolsista CAPES. E-mail: cristianmacedoxix@gmail.com.

primeiras sete edições do *Dictionnaire de l'Académie Française*. No entanto, para a realização da pesquisa, também são necessárias aproximações contrastivas ao objeto. Estas se darão ao cotejarmos o verbete *traduire* desta importante obra lexicográfica com o publicado em outros dicionários que lhe são coevos. Assim, poderemos melhor contemplar suas mudanças, permanências e possíveis relações com as demais obras da tradição lexicográfica francesa.

O recorte temporal abarca 185 anos, pois as edições consultadas vieram a público nos anos 1694, 1718, 1740, 1762, 1798, 1835 e 1878, respectivamente. Todavia, a abordagem que se pretende não é historiográfica *stricto sensu*. Um ensaio de caráter descritivo e não exaustivo de *lexicografia diacrônica*, lançando mão das ferramentas de análise disponibilizadas pela lexicografia teórica contemporânea, é o escopo da presente pesquisa. A noção *paráfrase explanatória*, da qual partimos em nossa análise, foi recolhida da extensa obra metalexicográfica produzida pelo professor e pesquisador Félix Bugueño Miranda.

Na primeira seção de desenvolvimento de nosso trabalho apresentaremos uma breve visada sobre o *Dictionnaire de l'Académie*, sua importância histórica e seu contexto de elaboração. Na segunda, abordaremos os chamados *componentes canônicos* de um dicionário, destacando o que toca a nossa análise: a microestrutura e seu principal segmento informativo. Na terceira, analisaremos as diferentes etapas pelas quais passou a paráfrase explanatória que reescreve o verbete *traduire* ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX, tendo como parâmetro o *Dictionnaire de l'Académie Française* (doravante *DAF*).

2 Sobre a obra

A *Académie Française* foi fundada em 1634 por um grupo de letrados de Paris. Percebendo sua importância política, o cardeal de Richelieu a coloca sob sua proteção no ano seguinte, apresentando como uma de suas mais importantes funções “officialiser la langue commune des membres de la nation” (APOSTOLIDES, 1981, p. 31).

Após 59 anos de sua fundação, a instituição apresenta a Luis XIV, o *rei sol*, a primeira edição de seu *Dictionnaire*. Uma demora que é justificada por seus autores na medida em que seria a prova da qualidade de seu conteúdo (DROMZÉE, 1996, p. 130).

Em uma França habitada por 17 milhões de pessoas, apenas três milhões falavam o francês apresentado no *Dictionnaire*. É o uso das palavras da língua que se falava “autour du Louvre”, mais do que seu caráter filológico, que sustenta as definições presentes na obra. Os verbetes são agrupados a partir de uma perspectiva morfológica, centrada nas “raízes” das palavras. A noção de “língua comum” é defendida pelos acadêmicos, que abrem mão dos termos especializados, rejeitando também regionalismos e arcaísmos. É uma obra de caráter normalizador que marca o advento de uma consciência linguística nacional: “l'idée ‘d'une’ langue française” (MAZIÈRE, 1995, p. 14-16).

A primeira edição do *DAF* é tida como um “événement capital dans l'histoire de la langue française”. A língua, pela primeira vez, é apresentada como um sistema e, além disso, a obra é “le premier grand exemple d'unification linguistique nationale, sous la protection de l'État” (DOTOLI, 2016, p. 56). Dedicada ao rei Luis XVI, representante mais fiel do absolutismo monárquico, a sua publicação é ao mesmo tempo

um fato histórico e um monumento, isto é, dotado de uma intenção de perpetuar e celebrar a língua francesa.

O *DAF* não foi unanimidade no mundo das letras. As críticas chegaram rapidamente e foram muitas ao longo de toda a sua história. Nos primeiros anos após a publicação de sua primeira edição, uma obra satírica foi publicada: *L'Apothéose du Dictionnaire de l'Académie française et son expulsion de la région celeste* escrita por Claude Mallement de Messange. A base dessa crítica é a autoridade que a *Académie* se autoinvestira em se tratando da língua francesa (MESSANGE, 1696).

No mesmo ano, o *Le dictionnaire des Halles, ou Extrait du Dictionnaire de l'Académie française*, apresentava um dicionário próprio para o povo que, em um tempo que “le pain est plus nécessaire qu'un recueil de mots et de phrases”, não teria condições de comprar o *DAF*, considerado muito caro. O livro satírico se propunha ser uma compilação de expressões para o uso de pessoas comuns, que teriam “une langue à part” e pouco se preocupariam com a “politesse” (ARTAUD, 1696, p. i-ii).

Além das críticas referentes ao seu papel de “autoridade” e da distância em relação à língua falada pelo povo, era comum até o século XIX questionar o fato da *Académie* desdenhar a etimologia, não incorporar termos técnicos e científicos e não se apoiar em citações de grandes escritores (NODIER, 1835, p. 2).

São oito as edições concluídas do *DAF*. Uma no século XVI, quatro no século XVII, duas no século XIX, uma no século XX. A nona edição começou a ser publicada em 1986, primeiramente em forma de fascículos, e em livros a partir de 1992, mas ainda não foi concluída.

3 Sobre a microestrutura e a paráfrase explanatória

Segundo Bugueño Miranda (2013), uma “explosão metalexigráfica” começou em 1950 com a publicação da obra *Introducción a la lexicografía moderna*, de Julio Casares. Ao deixar clara a diferença entre Lexicologia (que estuda cientificamente as palavras) e Lexicografia (“arte de componer diccionarios”), Casares se demora sobre esta última (1992, p. 11). Desde então, muitos autores se debruçaram sobre o tema, produzindo uma massa de reflexão teórica acerca do dicionário, constituindo a Metalexigrafia.

A lexicografia teórica nos esclarece sobre as estruturas denominadas *componentes canônicos* do dicionário. São quatro estes componentes: (1) o *front matter*, (2) a *macroestrutura*, (3) a *medioestrutura* e a (4) *microestrutura*.

1) O *front matter* é uma espécie de guia do usuário. Em tese, cumpre três funções: deixar claro a que tipo de usuário se destina; marcar a função do dicionário; ser um manual de instruções.

2) A *macroestrutura* diz respeito à ordenação e à necessidade da existência de um algoritmo de busca. Possui duas dimensões: a quantitativa (quantidade de lemas) e a qualitativa (unidades passíveis de lematização).

3) A *medioestrutura*, ou *sistema de remissões*, se sustenta em três princípios axiomáticos: deve levar o usuário rapidamente à informação oferecida pelo dicionário; deve obedecer sempre a um único movimento; deve ser sempre elucidativa (“deve ser compreendida pelo usuário tanto pela motivação como pela meta de remissão proposta”); deve ser sempre funcional, ou seja, acarretar um ganho para o usuário (BUGUEÑO MIRANDA, 2013).

4) A microestrutura é o conjunto de informações sobre o signo-lema, tendo, assim, uma função predicativa sobre ele. Da mesma forma, há uma progressão significante-significado que condiciona os dois comentários básicos do verbete: o comentário de forma (prescrição ortográfica, divisão silábica, classe morfológica, etc) e o comentário semântico. Soma-se a estes, um terceiro comentário, ao mesmo tempo relacionado com o significante e com o significado do signo-lema: o etimológico. Cada comentário tem informações que são chamadas de segmentos informativos (BUGUEÑO MIRANDA, 2013).

Em dicionários semasiológicos, como segmento informativo de maior importância, a paráfrase explanatória é uma reescritura do conteúdo semântico do signo-lema. Entre os tipos de paráfrases, destacamos: a *paráfrase explanatória analítica* (“reescrita do conteúdo de uma unidade léxica por meio de uma proposição que explicita o mesmo”); e a *paráfrase explanatória sinonímica* (“reescrita do conteúdo de uma unidade léxica por meio da substituição dessa unidade por outra”) (BUGUEÑO MIRANDA, 2009, p. 249-250).

4 A paráfrase explanatória: de *tourner a faire passer*

Descreveremos, sob a perspectiva diacrônica, os movimentos e permanências da paráfrase explanatória que reescreve o signo-lema *traduire*. Algumas observações acerca de outros segmentos informativos das microestruturas dos diferentes dicionários terão o objetivo apenas de ilustrar a heterogeneidade das soluções dos lexicógrafos, não tendo nenhuma intenção analítica rigorosa.

Isso é suficiente para demonstrar o quanto era experimental a produção lexicográfica francesa, desenvolvendo-se, recuando e avançando a partir de experiências bem ou malsucedidas. Em outras palavras, o recorte temporal aqui estudado e as obras que nos servem de fonte primária corroboram a afirmação de Bugueño Miranda de que antes do século XX a lexicografia era legitimada pela práxis, e não pela teoria (BUGUEÑO MIRANDA 2013, p.16).

4.1 Século XVII: a primeira edição

Na primeira edição do *DAF*, as entradas não eram em ordem alfabética, mas por “raízes”, conforme lemos em seu prefácio:

Comme la Langue François a des mots Primitifs, & des mots Derivez & Composez, on a jugé qu’il seroit agreable & instructif de disposer le Dictionnaire par Racines, c’est à dire de ranger tous les mots Derivez & Composez après les mots Primitifs dont ils descendent [...]. Dans cet arrangement de Mots, on a observé de mettre les Derivez avant les Composez, & de faire imprimer en gros Caracteres les mots Primitifs comme les Chefs de famille de tous ceux qui en dependent (ACADÉMIE, 1694, prefácio, s.p.).

A sequência de verbetes acerca da tradução é a seguinte: *traduire*, *traduit*, *traducteur* e *traduction*. O verbe *traduire*, objeto de nosso estudo, era um *chef de famille* e trazia três acepções: uma relacionada ao transporte de pessoas (principalmente em contexto judiciário), outra referente ao trabalho feito pelo tradutor e uma terceira

que remetia à ideia de levar alguém ao ridículo. A segunda acepção é a que nos interessa. Vejamos de que forma ela aparece no verbete:

TRADUIRE. v.a. [...] signifie aussi Tourner une ouvrage d'une Langue en une autre. *il a traduit un tel livre en françois, en italien ; il le traduit en vers , en prose. cela esl bien traduit , fidellement traduit , traduit de mot à mot.*

Segundo Isabelle Turcan (2005, p. 113), em sua análise tipográfica dos dicionários do Antigo Regime, nem sempre o uso de sinais de pontuação ou de maiúsculas tem função sintática. A presença ou ausência de maiúsculas pode se dar de acordo com a função que lhe é determinada em um campo informacional específico. Os autores do *DAF* usam inicial maiúscula em *Tourner* para marcar o início da paráfrase explanatória. Já a maiúscula de *Langue* fazia parte da ortografia sugerida pela *Académie*, que na segunda edição desaparece.

O itálico, na microestrutura do *DAF*, comumente é usado para identificar os exemplos. Uma sequência de frases inteiras é grafada, o que é o caso do verbete analisado. Todavia, o itálico tem um caráter polifuncional dentro da tipografia do dicionário (TURCAN, 2005, p. 14) e, quando não esclarecida a sua função no *front matter*, precisa ser intuída pelo leitor. Os diferentes usos do itálico no *DAF* foram analisados por Turcan (1996) na seção *Fonctionnement sémiotique de la typographie* do estudo sobre a disponibilização online da sua primeira edição. Quanto ao tipo de paráfrase, trata-se de uma *paráfrase explanatória analítica* que busca uma reescrita do conteúdo semântico de *traduire*, explicitando-o.

No século XVII, outras obras lexicográficas antecederam o *DAF* e é possível verificar traços iniciais dessa elegante paráfrase que reescreve o conteúdo de *traduire*. A obra *Thresor de la langue françoise* de Jean Nicot, publicada em 1606, é considerada um marco para o desenvolvimento da lexicografia francesa. Pode ser vista como uma reorganização do conteúdo das quatro edições do *Dictionnaire françois-latin* de Robert Estienne, publicadas no século anterior, dando-lhe um caráter de dicionário monolíngue (WOOLDRIDGE, 2010). O verbete:

Traduire, *Il vient de Traducere.*
Traduire, translater, ou tourner en Latin, ou autre langage, aucuns auteurs Grecs, Graecos authores transferre, aut Ex Græco vertere in Latinum sermonem, voyez en Tourner.
Traduire en Latin, Mandare literis Latinis, Latinae consuetudini tradere
 (NICOT, 1606, p. 638).

Podemos perceber que o latim é essencial no conteúdo do segmento informativo do verbete, formando um conjunto de sugestões de uso do signo-lema *traduire*. Também está presente na informação etimológica. Informação, esta, que não era inserida no *DAF* por seus autores. A resistência ao comentário etimológico era tanta entre os acadêmicos que ele foi introduzido no *DAF* somente na sua 9ª edição (REY, 2012). A *Académie* demorou muito para ser vencida por algo que, segundo aponta Bugueño Miranda (2004, p.12), é presente na tradição lexicográfica francesa: a integração da informação etimológica no artigo léxico.

Um antecedente da paráfrase analisada no presente trabalho está em Nicot, que o reproduz de Estienne: “tourner en aucuns auteurs”. Se buscarmos investigar as origens da paráfrase antes do século XVII, temos, por exemplo, “traducere librum ex una lingua

in aliam” na microestrutura do verbete *traduco* [conduzir para além, transferir] em diversos dicionários ditos *calipinos*, do século anterior.

Ambrogio Calepino, lexicógrafo italiano que viveu entre 1435 e 1510, teve sua obra, *Ambrosii Calepini Bergomatis Dictionarium*, publicada em 1502. Com dezenas de reedições póstumas, verifica-se o acréscimo gradual de outros idiomas (algumas edições chegaram a ter 11) e foi no trabalho de reedição do *Dictionarium* de Calepino, no final dos anos 1530, que o ofício lexicográfico do próprio Estienne começou (LARDON, 2013, p. 4). Desta forma, é possível verificar nessa “linhagem” Calepino-Estienne-Nicot um percurso diacrônico da paráfrase explanatória que reescreve *traduire*, bem como o próprio caminho que permitirá o florescimento da lexicografia francesa na segunda metade do século XVII.

Nesse período, duas obras lexicográficas semelhantes ao *DAF*, ou seja, de caráter semasiológico e exclusivamente de língua francesa, antecederam ao trabalho da *Académie*: o *Dictionnaire françois: contenant les mots et les choses*, de Pierre Richelet; e o *Dictionnaire universel, contenant généralement tous les mots françois tant vieux que modernes*, de Antoine Furetière.

Lançado em 1680, o trabalho de Richelet é considerado o primeiro dicionário inteiramente monolíngue (sem a presença do latim) de língua francesa. Tendo recebido da *Académie*, em 1630, o encargo de realizar obras que consolidassem as regras da língua francesa, acabou participando de outro projeto editorial. Richelet fez parte de um grupo de intelectuais, sob a liderança de Olivier Patru, que havia decidido publicar um dicionário com base em citações de autores renomados. Isto contrariava o projeto dos acadêmicos franceses, que optaram por não citar os grandes autores, visto que *eles* eram os grandes autores (ACADÉMIE, 1694, prefácio, s.d.). O resultado do trabalho, iniciado em 1677, foi impresso na Suíça em 1680, visto que o privilégio real francês para o dicionário fora concedido exclusivamente para a *Académie* (PETREQUIN, 2007, p. 6). Vejamos o verbete no *Dictionnaire françois*:

Traduire, v.a. Je traduis. J'ai traduit, je traduisis, je traduirai, je traduise, traduisisse, traduirois, traduisant. C'est ordinairement tourner en une langue différent de celle où ce qu'on traduit est écrit [Il se croit un grand homme pour être le cinquantième Traducteur d'Horace & avoir traduit en autre François le François du bon homme Monsieur de Maroles.] (RICHELET, 1680, p. 471).

Como escolha tipográfica, o itálico é usado para o signo-lema e para as conjugações, já os colchetes delimitam os exemplos. Verifica-se o verbo *tourner*, mais uma vez presente na paráfrase de *traduire*.

Antoine Furetière, ao contrário do grupo de Richelet, não se afasta da *Académie*. É afastado. Em 1684, ele apresenta seu projeto de dicionário, de teor mais amplo que o previsto pelos colegas acadêmicos, ao censor real. No mesmo ano, após receber o privilégio, publica uma proposta inicial: *Essais d'un dictionnaire universel*. A *Académie* lhe ordena abortar o projeto, iniciando uma querela que passa por sua expulsão da agremiação em 1685 e uma série de textos publicados por ele denunciando seus antigos colegas. Furetière morre em 1688 e sua obra é lançada postumamente, em 1690, na Holanda (SCHOLAR, 2015).

TRADUIRE. v.act. Tourner quelque escrit, quelque livre en une langue plus connue, plus facile à entendre que celle de l'original. Les livres des Poëtes & des Orateurs ne se peuvent *traduire* avec toutes les langues, tant en prose, qu'en vers. Jean Baptiste Lally l'a *traduit* en vers burlesques Italiens; Scarron

en vers burlesques François. Ce mot vient de traducere. Nicot (FURETIÈRE, 1690, sem paginação).

O verbo *tourner*, oriunda das primeiras versões da paráfrase nos dicionários calepinos, mantém-se ao longo das obras no século XVII. No caso do verbete em Furetière, a origem em *traducere* tem como referência a obra de Jean Nicot, algo não usual (citar obras de antecessores) entre os lexicógrafos do período.

4.2 Século XVIII: uma sequência de edições

Se no século XVII houve uma demora, para muitos exagerada, na publicação da primeira edição do *DAF*, no século XVIII houve o maior número de edições. Algumas mudanças são bem significativas, como a da ordenação por raízes para uma ordenação alfabética. A *Académie* se dá por vencida ao afirmar que “cet ordre qui dans la speculation avoit esté jugé le plus instructif, s’est trouvé très incommode dans la pratique” (ACADÉMIE, 1718, prefácio, s.p.).

Tendo como o que há de mais importante em um dicionário apresentar a “veritable signification” das palavras por meio de “Définitions exactes & par des Exemples” (ACADÉMIE, 1718, prefácio, s.p.), os autores do *DAF* ajustaram paráfrases e aumentaram o número de exemplos em muitos verbetes. No caso de *traduire*, a paráfrase continuará a mesma (agora com a palavra *langue* escrita em minúscula) nas edições dos anos 1718, 1740 e 1762. A mudança ocorrerá apenas no final do século, na sua 5ª edição.

Durante esse período, uma das grandes contribuições à lexicografia semasiológica francesa foi o *Dictionnaire critique de la langue française*, de Jean-François Féraud, publicado em 1787. Féraud é considerado uma espécie de intermediário da construção da norma lexicográfica francesa, estabelecendo uma reflexão racional sobre a língua e abrindo um diálogo entre lexicógrafo e leitor (BRANCA-ROSOFF, 1995). Segundo Martin-Berthet (1995), é no campo dos exemplos que Féraud apresenta uma de suas mais significativas inovações. É o primeiro dicionário a explicitar a diferença entre exemplos citados e exemplos criados, utilizando tanto um quanto o outro. Além disso, nega o constante estatuto de autoridade dos autores citados, cujos trechos podem servir como simples exemplos, modelos ou objetos de crítica. Abaixo, o verbete:

TRADUCTEUR, s. m. TRADUCTION, s. f. TRADUIRE, v. act. [traduk teur, duk cion, duî-re : 2º lon. au dern.] Traduire, c’est [...] 3º Tourner un ouvrage d’une langue en une aûtre. “*Traduire du latin en français.*” (FÉRAUD, 1787, p. 716).

Féraud, em seu dicionário macroestruturalmente organizado em nichos léxicos, agrupa todos os lemas relacionados à tradução em uma mesma entrada. A pronúncia, algo pouco atendido no *DAF* (REY, 2010), é um importante segmento informativo em Féraud. Em termos tipográficos, as acepções são numeradas e os exemplos são apresentados entre aspas. Curiosamente, apesar de ser inovador nos exemplos, ele reproduz fielmente a paráfrase do *DAF*.

Na 5ª edição do *DAF*, mantendo-se os mesmos exemplos, o verbete *traduire* foi modificado em sua paráfrase. *Tourner*, que era um arcaico sinônimo de *traduire*, dá

lugar a um *faire passer*. A paráfrase passou a ser redigida dessa forma: “Faire passer un ouvrage d’une langue dans une autre” (ACADÉMIE, 1798, p. 680). É a primeira mudança de conteúdo da paráfrase desde 1694.

Desvendar a autoria da nova paráfrase é algo difícil. Demandaria acesso à documentos da época, em especial um exemplar da edição de 1762 que estava repleto de anotações feitas pelos acadêmicos para uma futura reedição. Entre esse exemplar e a 5ª edição, impressa em 1798, existiu a mais significativa revolução da história ocidental.

Com o advento da Revolução Francesa em 1789, a *Académie* foi colocada no mesmo rol dos demais espaços aristocráticos e despóticos do Antigo Regime. Após um processo de debates, que vai de 1791 a 1793, na Convenção Nacional, a *Académie* é extinta. Apesar disso, o *Comité d’Instruction Publique* decide manter o *DAF*, e, com base no exemplar supracitado, uma comissão de *hommes de lettres* é formada para revisar, editar e publicar a sua 5ª edição. A obra em dois volumes, como todas as edições anteriores, traz como novidade um *Supplément contenant les mots nouveaux en usage depuis la Révolution* (BRANCA-ROSOFF, 1986). Não há indicação sobre a autoria das modificações do *DAF*, se dos antigos acadêmicos, se dos membros da comissão.

4.3 XIX: o século dos dicionários

Durante o século XVII, o *DAF* disputou espaço com mais dois dicionários monolíngues, mas no século XVIII, com suas quatro edições, conseguiu firmar-se como referência da lexicografia francesa. A presente seção busca apresentar, a partir da paráfrase explanatória estudada, o quanto o *DAF* serviu de modelo para os principais dicionários semasiológicos do século XIX.

Como apresentamos na seção 3.1, a redação da paráfrase que define *traduire* é fruto de um aperfeiçoamento, de caráter sintético, da paráfrase da tradição calipina presente no rearranjo de Nicot. A partir da 5ª edição, há uma nova escritura que cai no agrado dos grandes lexicógrafos e é apropriada integralmente por eles.

Em 1820 é publicado o *Nouveau dictionnaire de la langue française* de Jean-Charles Laveaux. É a primeira obra onde a paráfrase, “faire passer un ouvrage d’une langue dans une autre” (p. 936), aparece exatamente como publicada no *DAF*.

No entanto, ainda não havia se apagado totalmente os traços da versão anterior da paráfrase. Em 1834, por exemplo, Napoleon Landais, em seu *Dictionnaire général et grammatical des dictionnaires français*, reproduz o antigo *tourner*:

TRADUIRE, v. act. (tra-duire) (du lat. *traducere*, formé de la préposition *trans*, au-delà, et du verbe *ducere*, conduire) (il se conjugue comme *réduire*). Tourner en langue différente de celle où ce qu’on traduit est écrit (LANDAIS, 1834, p. 924).

Apesar de não seguir a nova versão proposta pela *Académie*, traz contribuições no conjunto de segmentos informativos que estarão presentes em microestruturas de futuros dicionários. Algo digno de nota, em sua experimentação lexicográfica, é a ausência de exemplos no verbete, algo comum até então.

A *Académie*, que desaparece durante a Revolução Francesa, é recriada por Luis XVIII, durante a Restauração Monárquica, mas como uma classe do *Institut de France*,

fundado em 1795 pelos revolucionários. A sexta edição do *DAF* é publicada em 1835. A paráfrase é a mesma da edição anterior, assim permanecendo até os dias atuais.

Um importante lexicógrafo do século XIX, mas esquecido pela maioria dos estudos sobre o período, é Maurice Lachâtre. Seu *Dictionnaire universel* foi publicado em fascículos entre 1852 e 1856, pela editora criada por ele. Em 1858, durante o governo de Napoleão III, Lachâtre foi condenado a cinco anos de prisão, a pagar uma multa de seis mil francos e a ter os exemplares de seu dicionário recolhidos e destruídos. Sua obra, de caráter socialista e republicano, foi considerada um “outrage à la morale publique religieuse et aux bonnes mœurs” (GAUDIN, 2003). Inovador na forma de publicidade e venda de dicionários (LACHÂTRE, 2008), sem dúvida merece ser estudado ao se buscar compreender a história da lexicografia francesa. O verbete:

TRADUIRE. v.a. (du lat. *traducere* fait de *trans*, au-delà et *ducere*, conduire). [...] En littérature, ce mot s’applique également aux auteurs et à leurs ouvrages, qu’on fait passer dans une autre langue (LACHÂTRE, 1854, p. 1290).

Na década seguinte, Lachâtre reorganiza seu dicionário, agora se rendendo à integralidade, com um simples acréscimo, da paráfrase do *DAF*: “Faire passer un ouvrage, un auteur, d’une langue dans une autre” (LACHÂTRE, 1870, p. 1447).

Outro nome, este muito presente na tradição francesa, principalmente pelos estudos gramaticais da língua, é o de Louis-Nicolas Bescherelle. Seu *Dictionnaire national*, publicado em dois volumes, teve sua primeira edição em 1845. Como não tivemos acesso à primeira edição, não é possível saber se houve movimento da paráfrase do verbete *traduire*. Na quarta edição, a paráfrase é idêntica à do *DAF*:

TRADUIRE. v.a. 4ª conj. (du lat. *traducere*, fait de la prépos. *trans*, au delà, et du v. *ducere*, conduire). [...] Littér. Faire passer un ouvrage d’une langue dans une autre. Traduire un ouvrage. Traduire du latin en français (BESCHERELLE, 1856, p. 1510).

Outra grande obra, e talvez a mais representativa da tradição lexicográfica francesa, é o *Dictionnaire de la langue française*, publicado entre 1863 e 1872. O autor, Émile Littré, quando de sua elaboração, chegava a analisar 15 páginas por dia da edição de 1835 do *DAF* (IMBS, 1981, p. 628). Esse fato, por si só, já demonstra a importância da obra da *Académie* para a confecção do “monument national” (MUORLET, 2003, p. 95) de Littré. A sua microestrutura, dividida em três segmentos, trazia as diferentes acepções (com exemplos), um conjunto de informações históricas (abarcando os séculos XI e XVI) e informações etimológicas. No verbete *traduire* (LITTRÉ, 1874, p. 2294), a paráfrase explanatória, também é idêntica à publicada em 1798 e 1835 do *DAF*.

Pierre Larousse, que afirmou estar vivendo no “siècle des dictionnaires” (1866, p. v) é outro gigante da tradição lexicografia francesa cuja obra ganha destaque na segunda metade do século. Apesar de ter uma feição enciclopédica, em seu *Grand dictionnaire universel du XIXe siècle*, Larousse propõe que estava, antes de tudo, produzindo um dicionário de língua. Nesse sentido, em período que a experimentação lexicográfica era constante, classificar esta obra, sob um prisma metalexicográfico, é uma tarefa mais complexa do que parece (DELESALLE, 1995). No verbete *traduire*, Larousse usa a paráfrase do *DAF*, com uma pequena supressão: “Faire passer d’une langue dans une autre” (LAROUSSE, 1876, p. 390).

A edição do *DAF* publicada em 1878, com suas importantes mudanças ortográficas, acaba sendo eclipsada por estas duas obras acima citadas. E a paráfrase, replicada ao longo de todo o século XIX, continua a mesma.

5 Considerações finais

Tendo como base a paráfrase explanatória do verbete *traduire* do *DAF*, percorremos os principais dicionários da língua francesa dos séculos XVII, XVIII e XIX. O artigo, um ensaio de lexicografia diacrônica, pôde comprovar que, apesar de não ter sido unanimidade entre os *savants* franceses, o *DAF* serviu de referência aos lexicógrafos mais renomados da França.

Obviamente, essa dedução exige um estudo de maior fôlego para ser devidamente comprovada. Todavia, no que diz respeito à paráfrase trabalhada, é possível verificar a influência da *Académie* ao longo do período de consolidação da tradição lexicográfica francesa.

Inicialmente, apropriando-se e reorganizando a paráfrase, podemos entender o *DAF* como seguindo uma tradição iniciada pelos plurilíngues calipinos, passando pela produção lexicográfica dos franceses Estienne (latim-fracês) e Nicot (francês). Durante o século XVIII, no entanto, podemos entender o *DAF* não apenas como fruto de um processo, mas se consolidando no mundo das letras tal qual a imagem que tinha de si mesmo desde a primeira edição: um modelo, uma autoridade. Mesmo que as constantes críticas dissessem o contrário.

Monumentos lexicográficos, como o Littré, deram um novo fôlego à tradição francesa, todavia, inegavelmente são tributários do trabalho da *Académie*. Se, por um lado, inovaram ao ampliar o número de segmentos informativos da microestrutura, seu ordenamento, seus critérios; por outro, não puderam abrir mão, por exemplo, do espírito de síntese e de elegância presente na paráfrase explanatória aqui estudada.

Ao leitor que, ao que parece, busca em um dicionário essencialmente aquilo que julga mais importante para a compreensão do significado das palavras, resta uma paráfrase mult centenária. Paráfrase que representa um percurso diacrônico de escritas, reescritas e apropriações que, em síntese, constituiu a lexicografia francesa em período anterior aos avanços metalexicográficos do século XX.

A transformação e a consolidação da nova escritura da paráfrase, deu-se em um período conhecido como *Sattelzeit*, entre a segunda metade do século XVIII e primeira metade do século XIX, quando as mudanças nos significados de diversos conceitos ocorreram na Europa Ocidental (KOSELLECK, 2013). Não temos, dentro das limitações impostas pelo objetivo do presente trabalho, como afirmar se há uma correlação ou causalidade entre as transformações do *Sattelzeit* e a reescritura do segmento informativo. Além disso, vale lembrar que aqui atentamos apenas a seu aspecto formal, não analisando a dimensão semântica da substituição de *tourner* por *faire passer* na paráfrase. Sem dúvida, são questões que abrem novas perspectivas de busca, demarcando os passos seguintes que daremos em nossa pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ACADÉMIE FRANÇAISE. *Dictionnaire de l'Académie française*. 1. ed. Paris: Coignard, 1694.
- _____. *Nouveau Dictionnaire de l'Académie française*. Paris: Coignard, 1718.
- _____. *Dictionnaire de l'Académie française*. 3.ed. Paris: Coignard, 1740.
- _____. *Dictionnaire de l'Académie française*. 4.ed. Paris: Brunet, 1762.
- _____. *Dictionnaire de l'Académie française*. 5.ed. Paris: Smits, 1798.
- _____. *Dictionnaire de l'Académie française*. 6.ed. Paris: Firmin-Didot, 1835.
- _____. *Dictionnaire de l'Académie française*. 7.ed. Paris, Firmin-Didot, 1878.
- APOSTOLIDES, Jean Marie. *Le Roi-machine*. Paris: Éditions de Minuit, 1981.
- ARTAUD. *Le dictionnaire des Halles, ou Extrait du Dictionnaire de l'Académie françoise*. Bruxelles: François Foppens, 1696.
- BESCHERELLE, Louis-Nicolas. *Dictionnaire national ou Dictionnaire universel de la langue française*. T.2. Paris: Garnier frères, 1856.
- BRANCA-ROSOFF, Sonia. La construction de la norme lexicographique à la fin du XVIIIe siècle : Féraud le médiateur. *Histoire Épistémologie Langage*. n. 11, pp. 34-46, 1995.
- _____. Luttres lexicographiques sous la Revolution française. Le Dictionnaire de l'Académie, In: BUSSE, Winfried; TRABANT, Jürgen. *Les ideologues*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1986, p. 279-297.
- BUGUEÑO MIRANDA, F. V. Balanço e perspectivas da lexicografia. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 2. n. 32, p. 15-37, 2013.
- _____. La etimología en el diccionario de la lengua. *Revista Letras*, Curitiba, v. 64, 173-188, 2004.
- BUGUEÑO, F. V.; FARIAS, V. S. Da microestrutura em dicionários semasiológicos do português e seus problemas. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 9, p. 36-69, 2011.
- CALEPINO, Ambrogio. *Dictionarium*. Reggio Emilia: Dionigi Bertocchi, 1502.
- CASARES, J. *Introducción a la lexicografía moderna*. 3 ed. Madrid: CSIC, 1992.
- DELESALLE, Simone. Le traitement des exemples dans les grands dictionnaires de la seconde partie du XIXe siècle (Littré, Dictionnaire Universel de P. Larousse, Dictionnaire général). *Langue française*, n°106, pp. 68-75, 1995.
- DOTOLI, Giovanni. La grammaire dans la première édition du dictionnaire de l'académie française (1694). *Verbum*, Vilnius, n. 7, p. 54-65, 2016.
- DROMZÉE, Claude Brénot. La mise en scène du Dictionnaire de l'Académie dédié au Roy (1694) : « dire d'avance » par la Preface. *Études françaises*, v.32, n.1, p. 1996.
- FÉRAUD, Jean-François. *Dictionnaire critique de la langue française*. T. 3. Paris: France-expansion, 1787.
- FURETIÈRE, Antoine. *Dictionnaire universel*. T. 3. La Haye: Leers, 1690.
- GAUDIN François. Le monde perdu des dictionnaires de Maurice Lachâtre : le Dictionnaire universel. *Cahiers de lexicologie*, n. 83, Champion, p. 85-104, 2003.
- IMBS, Paul. Émile Littré et la langue française. *Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles Lettres*, 125^e année, n. 4, pp. 616-636, 1981.
- KOSELLECK, Reinhart et al. *O conceito de história*. Tradução de René E. Gertz. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- LACHÂTRE, Maurice. *Cinq centimes par jour*. Rouen: PURH, 2008.
- _____. *Le dictionnaire universel: panthéon littéraire et encyclopédie illustrée*. T. 2. Paris: Administration de Librairie, 1854.
- _____. *Nouveau dictionnaire universel*. T, 2. Paris: Docks de la librairie, 1870

- LANDAIS, Napoleon. *Dictionnaire général et grammatical des dictionnaires français*. T.2. Paris: Bureau central, 1834.
- LARDON, Sabine. Les préfaces du Dictionnaire François latin de Robert Estienne (1539 et 1549). *Corpus Eve: Émergence du vernaculaire en Europe*, p. 1-26, 2014.
- LAROUSSE, Pierre. *Grand dictionnaire universel du XIXe siècle*. T. 1. Paris: Administration du grand Dictionnaire universel, 1866.
- _____. *Grand dictionnaire universel du XIXe siècle*. T. 15. Paris: Administration du grand Dictionnaire universel, 1876.
- LAVEAUX, Jean-Charles. *Nouveau dictionnaire de la langue française*. T. 2. Paris: Deterville, 1820.
- LITTRÉ, Émile. *Dictionnaire de la langue française*. T. 4. Paris: Hachette, 1874.
- MARTIN-BERTHET, Françoise. Les citations "anonymes" dans le Dictionnaire critique de Féraud (1787). *Langue française*, n. 106, pp. 55-67, 1995.
- MAZIÈRE, Francine. Le Dictionnaire de l'Académie française (1694) : Initiation d'une pratique normative. *Histoire Épistémologie Langage*, n.11, pp. 12-17, 1995.
- MESSANGE, Claude Mallement de. *L'Apothéose du Dictionnaire de l'Académie française et son expulsion de la région céleste*. Haye: Arnout Leers, 1696.
- MOURLET, Michel. *Littré au XXIe siècle: le colloque du bicentenaire*. Clichy-la-Garenne: France-Univers, 2003.
- NICOT, Jean. *Thresor de la langue française*. Paris: David Douceur, 1606.
- NODIER, Charles. *Du dictionnaire de l'Académie et des satires publiées à l'occasion de la première édition de ce Dictionnaire*. V. 3. Paris: Techener, 1835.
- PETREQUIN, Gilles. Le dictionnaire français de Richelet : un « aventurier » de la lexicographie. *L'Information Grammaticale*, n. 114, pp. 5-6, 2007.
- REY, Christophe. Le Dictionnaire de l'Académie Française: un modèle lexicographique en évolution. *Troisième Congrès Mondial de Linguistique Française (CMLF-2012)*, Paris, pp.1031-1041, jul. 2012.
- _____. *Les recommandations sur la prononciation dans le Dictionnaire de l'Académie Française*. In. *Langue commune et changements de norme*. Honoré Champion, pp. 149-162, 2011.
- RICHELET, Pierre. *Dictionnaire françois contenant les mots et les choses*. V. 2. Genève: Jean Herman Widerhold, 1680.
- SCHOLAR, Richard. *Querelle des dictionnaires*. Paris: Sorbonne, 2015. Disponible en: <http://base-agon.paris-sorbonne.fr/querelles/querelle-des-dictionnaires> Acesso em: 10 jan. 2018.
- TURCAN, Isabelle. Messages et enjeux de la typographie. Les dictionnaires imprimés sous l'Ancien Régime. *Communication & Langues*, n. 143 pp. 105-121, 2005.
- _____. Modalités de mise en oeuvre de l'informatisation de la première édition du Dictionnaire de l'Académie française (1694). *Actes des journées "Dictionnaires électroniques du français des XVIème et XVIIème siècles"*. Université Blaise Pascal, Clermont-Ferrand, 14-15 jun. 1996
- WOOLDRIDGE, Terence Russon. *Les Débuts de la lexicographie française*. Toronto: Le Net des Études françaises, 2010.